

Resenha

Roberto Pastana Teixeira Lima, *Modelos Portugueses e Arquitetura Brasileira*. Campinas, Centro de Pesquisa em História da Arte e Arqueologia da Unicamp, 2001, 252 pp.

Pedro Paulo A. Funari*

Muito já se escreveu sobre a História da Arquitetura no Brasil mas, em sua grande maioria, os estudos revestiram-se de caráter genérico e apriorístico. Como lembra Jorge Coli, no prefácio à obra de Roberto Pastana Teixeira Lima:

“Levantaram-se hipóteses, traçaram-se raciocínios abstratos, desenvolviam-se procedimentos mentais de natureza ensaística, chegava-se a conclusões temerárias, mas afirmadas com foros de verdade”.

Lima, em seu livro, adota procedimento radicalmente diverso, a partir de um levantamento de um *corpus* de mais de seiscentos exemplares concretos, de modo a poder avaliar as filiações arquitetônicas brasileiras. O autor efetuou estada científica em Portugal, onde pode recolher documentação adicional e fundamental para a compreensão de nossa Arquitetura brasileira. Lima mostra como as casas brasileiras inserem-se no contexto português e resultam de sua inserção nesse âmbito. Ainda que o seu *corpus* não abranja o Brasil inteiro, mas centre-se na capitania de São Paulo, o conjunto é suficientemente expressivo e convincente.

Lima mostra como as posturas municipais paulistas do século XIX seguiam aquelas portuguesas do XVIII e do XIX, à diferença do que muitos supunham, ao relacionarem nossas políticas municipais ao Iluminismo francês e norte-americano, de cunho burguês. Ao contrário, a formulação da Arquitetura modular esteve presente tanto em projetos de cidades portuguesas do século XVIII, quanto nas paulistas projetadas à época do morgado de Mateus, a partir de 1766. O gosto por uma arquitetura de raízes

* Professor titular de História Antiga da Unicamp

renascentistas parecer ter resistido às investidas do barroco e permanecido entre portugueses e brasileiros durante todo o século XVIII e também no XIX. O levantamento das casas brasileiras e portuguesas do XIX mostra, com clareza, a permanência da tradição clássica, inspirada, de maneira indireta, no tratado de Vignola. Essa tradição persiste, tanto em Portugal como no interior paulista, em pleno século XX.

Lima constata a permanência de uma arquitetura modular presente, sem rupturas, desde meados do XVIII até meados do XX, simples, mural, que permite incorporar diversos tipos de ornamentação, clássica, maneirista, gótica, modernista, art nouveau ou art déco. Mostra, ainda, como a prática vernacular, modular, articulava-se com a erudita, que se inseria na tradição. O autor questiona, assim, que a missão francesa e os imigrantes italianos, como se costuma afirmar, tenham tido papel decisivo nas formas arquitetônicas vigentes, como se nossas elites se quisessem aburguesar, participar de um suposto *ethos* burguês. Ao contrário, Lima propõe que uma tradição coletiva, quase anônima, que não está subordinada ao nome de grandes arquitetos, mas que se mantém através dos construtores, pedreiros e mestres de obra que estiveram em ação, tanto em Portugal como no interior paulista, por quase dois séculos.

A obra de Lima reveste-se de importância por dois grandes aspectos, a começar pela valorização da pesquisa de campo e da constituição de uma documentação de base, sem a qual as interpretações constroem-se no plano das meras conjecturas ou, ainda de forma mais arriscada, a partir da importação de modelos interpretativos. Muito já se disse sobre os modos de vida burguês, importados dos grandes centros do capitalismo mundial, como se aqui vivêssemos segundo os mesmos parâmetros. A pesquisa empírica permite constatar o quão falaciosas são as interpretações que apenas adaptam os modelos, talvez bons para outros contextos, mas inadequados para a sociedade patriarcal, ibérica, tradicional do Brasil. Em seguida, Lima mostra como as continuidades históricas são muito mais profundas do que alguns supõem, condicionantes da adoção das modernidades vindas dos grandes centros capitalistas. Não apenas hoje, mas também e ainda mais no passado, a inserção do Brasil ao contexto global nunca se deu fora do contexto histórico, das tradições e especificidades de uma sociedade cujas características fundam-se nas relações interpessoais pré-burguesas de Portugal. Para os estudiosos da Arquitetura, a mensagem deste volume é clara: ainda quando importamos, os usos são condicionados pelo peso secular das tradições locais. Lição que se aplica, ainda, aos nossos próprios dias.